

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo Class.: Panará 143

Data: 24/06/73 Pg.: 37

O futuro dos índios gigantes preocupa sertanista

Do correspondente em
CUIABÁ

Ao desembarcar ontem em Cuiabá, após ter permanecido por quase 60 dias entre os índios Kranhacãrores — os índios gigantes — consolidando o contato realizado pelos irmãos Villas Boas há alguns meses, o sertanista Apoena de Meirelles, longe de se considerar "feliz" pelo êxito de sua curta empreitada, confessou-se, todavia, "um homem profundamente amargurado".

Disse isso ao referir-se, em tom melancólico, ao futuro incerto dos índios que habitam a região do rio Peixoto de Azevedo que, a seu ver, já estão, com a sorte lançada: o "progresso", levado pelo traçado da BR-80, que passará a menos de 30 quilômetros de sua aldeia, começará, muito em breve, a colocar em risco a sua integridade física e cultural.

Apoena de Meirelles anunciou também que retornava a Brasília para, no próximo dia 12, casar-se com a estudante de antropologia Denise Maldí. Após a união e a viagem de nupcias, o sertanista, por determinação da cúpula da Funai, retornará para junto dos Kranhacãrores, não seguindo, segundo se cogitava anteriormente, para as "frentes" de atração e pacificação da rodovia Perimetral-Norte.

Revelou, em seguida, que a noite em que permaneceu na aldeia dos "gigantes" poderia ser classificada como uma das mais impressionantes experiências ocorridas em toda a sua vida profissional: "Aceitando o convite dos Kranhacãrores para pernoitar em sua aldeia, contrariei o que existe de mais elementar nos esquemas de segurança da expedição. Felizmente foi tudo bem. A estada na aldeia foi um acontecimento que marcou também a vida daqueles índios, deixando-os felizes, como percebi.

Há alguns índios nas imediações, mas que estranharam a presença do sertanista e acabaram fugindo para o interior da mata: "Constatai então que se tratava de um outro grupo que ainda não nos conheciz. Mandeí o resto do meu pessoal voltar

ao posto para trazer mais presentes e sentei-me sozinho na mata, onde assim permaneci por mais de duas horas, desarmado, provavelmente sendo observado. Decorrido esse tempo comeci a ouvir assobios, respondi da mesma forma. Os in-

díios passaram então a imitar animais, agi igualmente e, minutos depois, eles me cercavam, alegres e confiantes. Foi quando ocorreu a segunda confraternização.

Horas depois, em meio a grande algazarra, eu era nova-

mente cercado, mas dessa vez por mulheres e crianças, que riam e cantavam. O grupo não era pequeno — mais de 50 indivíduos — demonstrando-me por meio de sinais insistentes sua vontade de atravessar o rio. Pareciam que estavam de mu-

dança, pois levavam pilões, alifantinos, machados e muitos utensílios domésticos.

O sertanista revela que depois de efetuar a travessia dos índios, estes insistiram para que ele fosse até a aldeia, "mas

desde que completamente desarmado": "Desarme-me como a todo o meu grupo de Xavantes e segui com a tribo. Na aldeia encontrei mais cerca de 40 índios, entre homens, mulheres e crianças e observei que todos eles sofriam de uma

doença de pele que me parecia desconhecida. Tentamos medicá-los, mas não aceitaram. Quem somente conseguiu convencê-los a tomar injeções foi um índio Xavante, o Uracé, que, por sinal, tem curso de enfermagem.

Apoena fala pausadamente sobre a sua experiência no rio Peixoto de Azevedo e confessa que nunca havia executado um trabalho dessa natureza, isto é, dar sequência aos que os Villas Boas já tinha iniciado: "Assumi a 'frente', sem ter quem me transmitisse, pois quando segui para lá Claudio e Orlando já haviam partido para sua viagem ao Japão. Parecia, na verdade, que eu estava colocando em jogo toda a minha carreira, toda a minha vocação: se os índios se afastassem definitivamente do acampamento, fugindo à minha aproximação, eu seria o responsável, criticado, talvez, por estar aplicando novos métodos, isto é, a minha forma de trabalhar. Por outro lado, era mais do que necessário que eu consolidasse o contato, e o mais rapidamente possível, pois a BR-80 logo logo estará passando a menos de 30 quilômetros da aldeia Kranhacãrores, colocando em risco toda a comunidade.

Apoena esclarece que logo que assumiu a "frente", os índios já não apareciam no posto há cerca de 20 dias: "Foi a partir desse fato que passei a mudar uma série de coisas, tecnicamente, é claro. Assim é que, diariamente, duas ou três vezes, passei a visitar o "tapiri" (local para a oferenda e troca de presentes) montado às margens do rio Peixoto de Azevedo. No dia primeiro de maio mantive, então, o meu primeiro contato com os índios: eu descia o rio, rumo ao "tapiri", quando do outro lado, na margem direita, os índios apareceram e começaram a gritar e acenar para mim. Os guerreiros xavantes que me acompanhavam na canoa ficaram um pouco intranquitos, temendo, certamente, um ataque, mas fiz com que o barco atracasse e o que aconteceu foi uma verdadeira festa de confraternização, uma grande lição de amizade. Daí em diante os índios tornaram a surgir para voltar somente depois de 15 dias.

O jovem sertanista conta que o primeiro contato foi muito proveitoso, havendo inclusive, demonstrações de plena confiança, entre Xavantes e Kranhacãrores. "Pedi a um dos índios visitantes que me desse seu arco e suas flechas. Ele não negou, e eu, querendo retribuir a prova de confiança do guerreiro, passei-lhe minha espingarda, ensinando-o a atirar. O Kranhacãrore experimentou minha arma com satisfação mas não manifestou desejo de possuí-la.

Depois de que os visitantes se foram — conta ainda o sertanista — os dias se sucediam e os Xavantes começaram a ficar inquietos. Resolvi, então, a título de recreação, explorar o rio Braço Norte até onde fosse possível chegar, buscando, também, um local para a instalação de um novo posto. Depois de navegar subindo cerca de 12 quilômetros, encontrei uma belíssima queda d'água, que imediatamente batizei como "cachoeira dos Xavantes" em homenagem aos índios que me acompanhavam na expedição. Novamente em visita ao "tapiri", percebi que os Kranhacãrores não estavam fazendo questão de dissimular a tribo que levava à sua aldeia. E ponderei, então, que deveria ir à aldeia o mais rapidamente possível, em seu próprio benefício.